

A RENDIÇÃO DE URUGUAIANA E A VIAGEM DO PRÍNCIPE

Odilon Nogueira de Matos

A princesa Isabel e seu esposo, o Conde d'Eu, achavam-se em viagem de núpcias pela Europa, em 1865, quando eclodiu a Guerra do Paraguai. Entendeu o príncipe que devia apressar sua volta ao Brasil a fim de pôr-se a serviço do sogro e do Império. E o fez num momento propício, pois em meados daquele ano as forças paraguaias, comandadas por Estigarribia, invadiram a província do Rio Grande do Sul, ocupando a princípio São Borja e depois Uruguaiana.

O plano de Lopez era fazer com que estas forças invasoras, tomando pé em Uruguaiana, pudessem entrar em território uruguaio a fim de se aliarem com os "blancos" da República Oriental. Esta ocorrência, fundamental para a guerra, poderia ter conseqüências realmente sérias, se a importante cidade da fronteira não tivesse sido retomada, após quase um mês de cerco, que resultou na rendição das tropas paraguaias do bravo Estigarribia, na presença não apenas de D. Pedro II, mas também dos presidentes da Argentina e do Uruguai, Mitre e Flores, respectivamente.

Tal episódio tornou-se conhecido como a "Rendição de Uruguaiana", e inscreveu o nome desta cidade no mapa histórico do Brasil, inclusive utilizado para denominar vias públicas, a exemplo de Riachuelo, Humaitá, Paissandu, Corrientes e outros topônimos vinculados à Guerra do Paraguai. Numerosas cidades do Brasil (inclusive Campinas) ostentam, por esta razão, placas com o nome de Uruguaiana em vias públicas, muitas vezes importantíssimas, como ocorre no Rio de Janeiro.

A invasão do Rio Grande do Sul pelos paraguaios de Estigarribia abalou sensivelmente a opinião nacional, levando o próprio Imperador a partir para o Sul do País, a fim de inspecionar o teatro da guerra, o que lhe ensejou assistir, a 18 de setembro de 1865, à retomada de Uruguaiana, com a rendição das tropas invasoras. Assim, ao chegar ao Rio de Janeiro, o Conde d'Eu não mais encontrou o sogro, que já havia partido para o Rio Grande. O Príncipe seguiu imediatamente para o Sul, juntando-se a D. Pedro II poucos dias antes da rendição de Estigarribia e já nas proximidades de Uruguaiana.

Teve, pois, o Príncipe não só a oportunidade de assistir ao histórico evento, como a de descrevê-lo pormenorizadamente no relato que denominou **Viagem militar ao Rio Grande do Sul**, e que constitui precioso documento, não apenas para o conhecimento desse episódio

da guerra, mas como informação sobre as condições de vida da Província rio-grandense.

Partindo do Rio de Janeiro ao meio dia de 1^o de agosto, já à 1 hora do dia 5 seu navio encontrava-se frente à barra do Rio Grande. À 7 estava em Porto Alegre. Embora só se demorasse dois dias na capital, procurou ver o que a cidade tinha de mais interessante, seguindo logo no dia 9 para o interior da província — Rio Pardo, Cachoeira, Caçapava — onde teve as primeiras notícias mais concretas das operações militares. Depois, São Gabriel, onde se encontrou com o Imperador, Alegrete e, finalmente, Uruguaiana, a cuja frente se achavam acampadas as tropas que sitiavam a cidade.

Por páginas e páginas demora-se do Príncipe na descrição pormenorizada de todas as operações que culminaram com a rendição dos paraguaios, a 18 de setembro. O perigo de os paraguaios escaparem pelo rio foi evitado pela defesa da flotilha, especialmente do navio **União**, que trouxe um batalhão de voluntários comandado pelo dr. Pinheiro Guimarães, ilustre médico e professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, que também se ocupou do episódio em seu valioso livro de memórias.

Terminada a importante operação, subiu o Príncipe o Uruguai até Itaqui e São Borja (onde se encontrou com Aimé de Bonpland, famoso naturalista francês que aí vivia), retornando a Uruguaiana. Na volta, seu itinerário ofereceu algumas variantes: Sant'Ana do Livramento, Bagé, Jaguarão, Pelotas, cidade que muito apreciou, tendo ocasião de observar que seu teatro era o único da província que continuou funcionando mesmo com a guerra. Enquanto o Imperador foi a Porto Alegre, preferiu o Príncipe ficar em Pelotas “a gozar da amável hospitalidade da família Ribas”, ou, melhor, do Barão de Piratini. A 3 de outubro estava em Rio Grande, onde novamente juntou-se ao sogro para retornar ao Rio de Janeiro, chegando à Corte no dia 9.

Ao contrário do que o título poderá levar a supor, o relato do Conde d'Eu não tem interesse apenas militar. São excelentes as observações do autor quanto aos aspectos humanos, sociais e culturais da extensa região percorrida, o que o torna um dos livros mais interessantes de nossa literatura de viagens.

A **Viagem militar ao Rio Grande do Sul** foi divulgada pela primeira vez na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo 86, volume 139, correspondente a 1919, mas efetivamente publicado em 1921, um ano apenas antes do falecimento de seu autor, que ocorreu a bordo, quando retornava ao Brasil, beneficiando-se do ato de Epiácio Pessoa que revogara o banimento da família imperial brasileira.

Quinze anos mais tarde, em 1936, fez-se a primeira publicação em livro, integrando a preciosa coleção “**Brasiliana**” (vol. 61), da

Companhia Editora Nacional, de São Paulo. Para esta edição, o historiador carioca Max Fleiuss juntou dezenove cartas que lhe foram dirigidas pelo Príncipe ente 1912 e 1919, as quais constituem importante documento para o melhor conhecimento da personalidade do genro de D. Pedro II, especialmente nas relações com o Brasil, nos seus últimos anos de vida. Tais cartas foram devidamente anotadas por Max Fleiuss, enriquecendo sobremaneira o volume, e ainda com uma extensa nota biográfica sobre o Conde d'Eu.

O volume da "Brasiliiana" contendo o principesco relato nunca foi reeditado. Passado quase meio século, a reedição nos veio da Itatiaia, de Belo Horizonte (em convênio com a Editora da Universidade de São Paulo), num belo volume integrando a não menos preciosa coleção "Reconquista do Brasil" (nova série, volume 43). Reproduz integralmente a edição da "Brasiliiana", com ligeira alteração na disposição das cartas do Príncipe a Max Fleiuss: enquanto na edição de 1936, as notas vinham após cada carta, a nova edição preferiu colocá-las todas no fim do volume.

A Itatiaia (e com ela, muitas outras editoras) tem o mau hábito de, ao reeditar um livro, não fazer a menor referência a edições anteriores, dando ao leitor a falsa impressão de que é a primeira vez que tal livro se publica. Assim, fiquem os leitores informados de que a edição que ora se encontra no mercado (se já não estiver esgotada, pois data de 1981) já é a terceira do importante relato do Conde d'Eu, datando as duas primeiras, conforme se indicou, de 1921 e 1936, respectivamente pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e pela Companhia Editora Nacional.

Retorno, por instantes, ao episódio histórico. Lembro-me do primeiro livro em que estudei História do Brasil, o clássico manual de Rocha Pombo, para o curso secundário, mas que se usava com mais freqüência no primário. Apresentava uma estampa, que nunca mais me saiu da memória, representando a chamada "Rendição de Uruguaiana". Embora não houvesse indicação de autor, o quadro parece ser de Pedro Américo. Ao meu espírito de menino, impressionou a atitude de humilhação que se apossou do valoroso Estigarribia, rendendo-se, indefeso, aos três chefes de governo dos países aliados, todos a cavalo, garbosos, mas sem transmitir nenhum sentimento que pudesse implicar em maior humilhação a quem já devia sentir-se profundamente humilhado. Vi, há pouco, a mesma estampa reproduzida no precioso **Calendário histórico-cultural**, editado pelo governo rio-grandense. Provavelmente há de estar divulgada em outras publicações. A verdade, contudo, é que, revendo-a agora e lendo de novo o relato do Príncipe, não pude deixar de recordar os tempos de criança, quando as imagens dos livros de história se me fixavam de maneira indelével, fazendo com que nunca mais os episódios nele representados me fugissem da memória.

(Publicado originalmente, em **Letras & Livros**, supl. do "Correio do Povo", de Porto Alegre, nº 21, de 9 de janeiro de 1982).